

---

## REVISITANDO A GRAMATICALIZAÇÃO DO “A GENTE”<sup>25</sup>

Adilma Sampaio de Oliveira-Vieira  
(UESB)\*

Cristiane Namiuti-Temponi  
(UESB)\*\*

Cândida Mara Brito Leite\*\*\*  
(UESB)

### RESUMO

Propomo-nos, aqui, revisitar brevemente, sob um olhar gerativista, alguns dos principais trabalhos que investigaram o percurso histórico do “a gente”, buscando entender como e quando essa forma se gramaticalizou, bem como seu comportamento sintático com relação aos mecanismos de flexão e concordância. Nesta empreita, trazemos alguns exemplos extraídos de explorações iniciais de dados de fala popular de Vitória da Conquista – BA.

**PALAVRAS-CHAVE:** A gente; Gramaticalização; Português Brasileiro.

### INTRODUÇÃO

A inserção da forma “a gente” no paradigma pronominal do Português Brasileiro (PB) tem sido objeto de interesse de muitos estudiosos da língua, que investigam a variação do uso da forma pronominal “nós” e a forma gramaticalizada “a gente”, geralmente sob uma hipótese de mudança análoga à história das formas de segunda pessoa (“você(s)/(tu)(vós)), que envolve a substituição dessas formas,

---

Mestrado financiado pela CAPES. Exploração inicial para a dissertação de Mestrado em Linguística desenvolvido no âmbito do projeto temático *Sintaxe diacrônica em corpus eletrônico: do português pré-clássico às variantes modernas*, coordenado por Cristiane Namiuti.

Estudante de Pós-Graduação – Mestrado PPGLin/UESB.

Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.

Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.

---

interpretando-as como estruturas pertencentes a diferentes gramáticas em competição no uso. No entanto, o uso de “nós” e de “a gente” no PB não parece apresentar um comportamento de competição de estruturas pertencentes a diferentes sistemas, mas de formas que co-existem em um único sistema gramatical. No processo de mudança que caracteriza a gramaticalização do sintagma nominal “a gente”, as noções de gênero, número e pessoa são afetadas. O uso pronominal de “a gente”, significando primeira pessoa do plural, e sua relação com os mecanismos de concordância da língua podem dar pistas importantes para entender o sistema pronominal do PB, bem como a natureza da variação “nós” e “a gente”, atestada no uso da língua.

Para Kroch (1989), a variação no uso de formas superficiais vai refletir uma mudança gramatical, interpretada como a substituição de uma forma antiga por uma forma nova, somente se o surgimento da nova forma vir acompanhado de um comportamento específico que se caracteriza pelo seu surgimento tímido (revelado por baixa frequência) e posterior substituição gradual da forma antiga pela nova, desenhando uma curva em S no gráfico, sendo o eixo X o tempo e o eixo Y a frequência da forma nova. A convivência entre formas inovadoras e antigas é denominada, por Kroch (2001), “competição de gramáticas”.

Assim, sob a perspectiva delineada por Kroch (1989, 2001) e revisitando os trabalhos de Lopes, buscamos compreender a variante “a gente” e o seu processo de gramaticalização.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Nos anos 90 (séc. XX), os estudos gerativistas, buscando conhecer as condições para a aquisição em cada geração de falantes, começam a considerar abordagens quantitativas, o que os aproximam da linha sociovariacionista. (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p.26). Entretanto, o

---

gerativismo propõe uma gramática determinística, seguindo uma abordagem mais dedutiva para a descrição dos fenômenos. Assim, Tarallo e Kato (1989) vincularam a metodologia quantitativa laboviana aos conceitos de parâmetro estipulados por Chomsky, procurando investigar os processos de variação e mudança do Português Brasileiro; o que se denominou “sociolinguística paramétrica.”

A noção de Parâmetro engendrou e vem engendrando uma massa de pesquisa das línguas naturais, não só porque dá uma dimensão tipológica a uma linha teórica que antes se preocupava mais com o que era universal e invariante, mas também porque ela pode explicar a mudança sintática e a seleção da gramática pela criança. Para a visão de Princípios e Parâmetros, uma mudança de gramática é uma mudança paramétrica. (KATO, 1999, p. 160).

Como afirma Lightfoot (1999), “*Language emerges through an interaction between our genetic inheritance and the linguistic environment.*”(LIGHTFOOT, 1999, p. 52). Assim, os limites de variação entre as gramáticas são fixados por valores paramétricos, que podem ser diferentes entre as gramáticas particulares. A mudança advém justamente de uma alteração nos dados lingüísticos primários (*input*), gerando a hipótese de uma gramática diferente, o que o leva a concluir que “*Under certain conditions, if the linguistic environment is a little different, a child’s brain may grow a grammar somewhat diferente from that of her mother.*” (LIGHTFOOT 1999, p.74).

Na perspectiva gerativista, a mudança gramatical está associada à marcação paramétrica e, como a alteração da marcação de um parâmetro não afeta apenas uma determinada construção, a mudança deverá afetar outras construções. Para modelar a variação de diferentes estruturas superficiais, Kroch (2001) apresenta um método de análise que considera a razão/proporção da mudança. Segundo o autor, se

---

diferentes estruturas surgem mais ou menos na mesma época e apresentam uma *razão constante*, as diversas mudanças superficiais que serão desenroladas pelo surgimento destas novas formas estarão associadas a uma única mudança gramatical (a um único parâmetro).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao longo dos anos, o uso do “a gente” pronominal se tornou frequente entre os falantes do Português Brasileiro, motivando-nos a investigar as razões que o levaram a se gramaticalizar e estabelecer uma suposta competição com a forma tradicional “nós”. Assim, é possível analisar a recategorização do sintagma nominal em pronome: do “a gente” substantivado ao “a gente” pronominal. A forma inovadora não só mudou a classe gramatical, como também o sentido que lhe era estabelecido: passou de referente de um grupo de pessoas à parte a um grupo, cujo falante se inclui, passando a ser utilizado tal qual o pronome pessoal do caso reto “nós”.

Sobre o fenômeno da gramaticalização do “a gente”, Lopes (2002) busca entender como se deu a mudança categorial do substantivo “gente” para o pronome “a gente”, através de uma análise quantitativa com dados que vão do século XIII ao século XX, enfocando os ambientes linguísticos que favorecem mais o uso da forma inovadora ou da forma tradicional “nós”. Segundo a autora, a gramaticalização de “a gente” foi lenta e gradual, pois apesar de suas primeiras ocorrências terem se dado no século XIII, somente no século XVIII o “a gente” apresentou-se como forma pronominal propriamente dita. Antes desse período, havia ambiguidade interpretativa na maioria dos casos.

No decorrer desse processo, a noção genérica de pessoa do substantivo “gente” foi se perdendo, dando espaço para o seu uso pronominal. Assim, o traço semântico de pessoa deixa de ser [□EU] e

---

passa a ser [+EU], pois com o referente de “a gente” passou a incluir também o falante. Lopes (2002) afirma que essas ocorrências, que eram escassas no português arcaico, tornam-se mais frequentes e significativas a partir do século XVI, havendo somente um caso de uso do “a gente” pronominal em dados do século XIII.

No século XVI, os casos de ambiguidade de leitura do “a gente”, tanto como sinônimo de pessoas, quanto como variante de “nós”, se tornam mais frequentes e se configuram entre os séculos XVII e XIX, período em que ela considera como transitório. No século XIX, este duplo sentido deixa de existir, consagrando-se o momento de instauração do “a gente” enquanto pronome. (LOPES, 2002)

A gramaticalização de “a gente” gerou incompatibilidades entre os traços formais de gênero, número e pessoa e os semânticos-discursivos no momento da recategorização nome>pronome. Segundo Lopes (2004), o traço formal de número se perdeu com o tempo, atingindo 100% de perda no século XX, mas manteve uma interpretação semântica pluralizada. Quanto à noção de gênero, o “a gente” passou de uma marcação positiva do gênero formal [+fem] a gênero neutro [Ø], assim como ocorre em outras formas pronominais, porém há subespecificação semântica de gênero, visto que “a gente” pode combinar-se com adjetivos masculinos e femininos, a depender da referência semântica.

No que se refere aos traços de pessoa, o substantivo “gente” concordou comumente com P6 até o século XIX, mas foi a partir do século XIV que os índices de frequência de concordância de P3 aumentaram progressivamente. Com a forma pronominal manteve-se o traço formal de 3ª pessoa, mas alterou-se a interpretação semântico-discursiva [+EU], haja vista a inclusão do falante no discurso. Isso fez com que aparecessem dois indícios sintáticos na língua: a concordância com P4, comumente usada na fala não-padrão, e a co-indexação pronominal com nosso(s)/ nossa(s).

Callou, Barbosa e Lopes (2006, p. 281) ressaltam que a gramaticalização de “a gente” compreende o mesmo período histórico no Brasil e em Portugal, porém, este, ainda apresenta um comportamento mais conservador em relação ao uso da nova forma pronominal. Em contraposição, o termo “a gente” concordando com P4 é registrado no português europeu padrão, enquanto aqui no Brasil esta concordância ainda é estigmatizada pelos falantes cultos. Naro e Sherre (2007, p. 180), por sua vez, não encontraram em documentos de Portugal o uso de P3 em contextos de P4, a exemplo de “nós vai”, salientando a preferência dos dialetos portugueses por “nós vamos”.

Aqui no Brasil, é perceptível o uso constante das duas formas pronominais em questão (“nós” e “a gente”). Nos dados de fala popular de Vitória da Conquista – BA é possível encontrar construções que refletem esse uso concomitante e as diferentes estratégias de concordância verbal estabelecidas, a ver nos exemplos seguintes:

a) INF. LA (masc. 82):

i) **A gente** vende, compramo o terreno e **tamo** fundano a igreja com os esforço **nosso**, trabalhando pra (...) funda(r) a igreja

ii) tudo isso é uma coisa útil que **a gente, nós deve ter** nesse bairro.

ii) ... por que **a gente já temos** uns setenta uns setenta e sete ano que veve junto.

b) INF. ETF (masc. 32): Ó, seu Everaldo, **a gente** vai voltar atrás...**vamu** colocá aí uns dez anos atrás..

c) INF ETM (fem. 27): **A gente** brincava ali tudo junto, **nóis era** unido, **a gente** num era brigão.

d) INF M de S (fem. 79): **Nóis** não **pode** dize nada... **nóis tem** que vê.

## CONCLUSÕES

Não se pode justificar o uso de “a gente”, em detrimento de “nós”, devido a uma tendência ao uso de flexão verbal de 3ª pessoa, pois, diferentemente da história da gramaticalização da forma você(s) que de fato substituiu as formas pronominais de 2ª pessoa tu e vós, “a gente” não parece substituir “nós” - mesmo com o paradigma flexional de pessoa e número reduzido à 1ª pessoa do singular para EU e 3ª- pessoa do singular para as demais pessoas do discurso (demais pronomes), ainda não se pode perceber o uso de nós como agramatical no vernáculo do PB.

## REFERÊNCIAS

- CALLOU, D.; BARBOSA, A.; LOPES, C. **O Português do Brasil: polarização sociolinguística**. In: CARDOSO, S. Al. M.; MOTA, J. A.; MATTOS e SILVA, R. V. (orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e turismo, Coleção Apoio, 2006. p. 261-292.
- CHOMSKY, N. (1979). **Principles and parameters in linguistic theory**. Cambridge (MA). MIT Press, 1979.
- KATO, M. **A. Variação e mudança no português brasileiro: problemas de aquisição. A cor das Letras**, Feira de Santana - BA, n. 3, p. 157-177, dez. 1999.
- KROCH, A. **Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change**. Language Variations and Change, 1: 199-244. 1989.
- \_\_\_\_\_ (2001). **Mudança Sintática**. Trad. Sílvia Regina Cavalcante (UNICAMP), 2003.

---

LIGHTFOOT, D. (1999). **The development of language: Acquisition, change, and evolution.** Malden: Blackwell/Maryland **lectures in language and cognition.**

LOPES, C. R. dos S. (2002). “De gente para a gente: o século XIX como fase de transição.” In: ALKMIM, T. M. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos.** São Paulo, Humanitas /FLP/USP, p. 25-46.

\_\_\_\_\_. O quadro dos pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2004. p. 151-178.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Linguística Histórica.** In: NUNES, J. H.; PFEIFFER, C. (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento.** Campinas, SP: Pontes, 2006.

TARALLO, F.; KATO, M. A. (1989). **Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística.** In **Preedição** 5:315-353. Campinas, Unicamp.